

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Luana Oliveira Pinheiro

**OS IMPACTOS DO TRABALHO DOMÉSTICO COMO
EXPLORAÇÃO DO GÊNERO FEMININO NO BRASIL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Rogéria Campos de Almeida Dutra.

Juiz de Fora - Minas Gerais
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **LUANA OLIVEIRA PINHEIRO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **201872110A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**OS IMPACTOS DO TRABALHO DOMÉSTICO COMO EXPLORAÇÃO DO GÊNERO FEMININO NO BRASIL**”, desenvolvido durante o período de **abril de 2023 a julho de 2023** sob a orientação de **Rogéria Campos de Almeida Dutra**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Luana Oliveira Pinheiro

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

OS IMPACTOS DO TRABALHO DOMÉSTICO COMO EXPLORAÇÃO DO GÊNERO FEMININO NO BRASIL

Luana Oliveira Pinheiro¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os impactos do trabalho doméstico como exploração do gênero feminino que ainda persiste nos tempos atuais. O trabalho doméstico, geralmente realizado por 92% das mulheres, dentre os 6 milhões de trabalhadores domésticos em nosso país, é frequentemente invisibilizado e desvalorizado, mesmo sendo uma atividade essencial para o funcionamento da sociedade. Ao longo do trabalho, irei abordar estudos com sociólogos a partir de uma pesquisa bibliográfica baseando-se em entrevistas, reportagens, documentários, séries, artigos e livros que procuram dar visibilidade às relações entre a realidade das empregadas domésticas com a herança escravocrata em nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho doméstico, saúde mental, exploração de gênero, sobrecarga, desigualdade de gênero.

ABSTRACT

This article aims to analyze the impacts of domestic work as an exploitation of the female gender that still persists today. Domestic work, usually carried out by 92% of women, among the 6 million domestic workers in our country, is often made invisible and devalued, even though it is an essential activity for the functioning of society. Throughout the work, I will approach studies with sociologists from a bibliographical research based on interviews, reports, documentaries, series, articles and books that seek to give visibility to the relations between the reality of domestic servants with the slavery heritage in our country.

KEYWORDS: housework, mental health, gender exploitation, overload, gender inequality.

1

1. INTRODUÇÃO

Apesar de atualmente existirem diversos sites e artigos disponíveis voltados à área do trabalho doméstico, pouco se fala da temática como uma exploração de gênero, menos ainda sobre a saúde mental das empregadas domésticas. Segundo a antropóloga brasileira, Maria Suely Kofes (1940), o emprego doméstico tem total correlação com a tradição escravocrata que, mesmo após a abolição da escravatura, em 1888, os trabalhadores que realizavam serviços domésticos ainda eram comparados aos escravos. Dito isso, observa-se que mesmo com grandes avanços legais, o serviço doméstico ainda é visto como um trabalho inferior e resguardado a pessoas em situações de desvalorização racial e/ou social, como negros, pobres e pessoas sem acesso à educação básica.

Ao aprofundar os estudos sobre a temática exposta acima, encontramos a ativista Laudelina de Campos Melo (1904-1991), que foi uma importante militante do Partido Comunista Brasileiro, pioneira na defesa dos direitos das mulheres e das empregadas domésticas, sendo considerada até hoje como “o terror das patroas” por ter buscado nada mais do que os direitos atribuídos nesta área trabalhista, que sempre foi pouco valorizada. Em 1936 ela fundou o 1º Sindicato de Empregadas Domésticas e foi fundamental para a organização da categoria na busca por direitos.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: luana.oliveira33@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Rogéria Campos de Almeida Dutra.

Visando abordar a problemática sobre a forma de exploração de gênero dentro do trabalho doméstico, é notório o quanto afeta as mulheres de forma desproporcional, uma vez que são as principais responsáveis pelas tarefas domésticas. Assim, neste trabalho, pretende-se, de forma mais específica, identificar os problemas que existem através das hipóteses, analisar os estudos existentes através de sites, reportagens, artigos, filmes na Netflix, documentários no Youtube e o livro “Eu, empregada doméstica” da Preta Rara. Tornando-se possível traçar o perfil da população estudada, identificando a deficiência e analisando de que forma o problema pode ser resolvido.

Observa-se que vários fatores combinados podem contribuir para o estresse crônico, ansiedade, depressão, baixa autoestima e outros problemas de saúde mental nas mulheres que realizam trabalho doméstico. É fundamental promover uma maior valorização do trabalho doméstico, garantir direitos trabalhistas adequados e buscar uma divisão mais igualitária das responsabilidades domésticas para fortalecer a saúde mental das mulheres nessa área.

Dessa forma, esse trabalho se justifica por mostrar um dos diversos aspectos em que a sociedade explora a mulher e não enxerga como prioritária a sua valorização à saúde mental. A consequência de tudo isso seria trazer o conhecimento com uma visão crítica sobre o quão é problemático, perpassando várias questões estruturais da nossa sociedade.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do pressuposto trabalho será dividido em três partes: a primeira será denominada “Embasamento teórico sobre o trabalho doméstico”, a segunda abordará “O papel de Laudelina de Campos Melo na conquista de direitos”, e a última será “A senzala moderna é o quarto de empregada”. Contando também, com dois itens finais, “Resultados e Discussões” e “Considerações Finais” para encerrar o artigo acadêmico.

O primeiro tópico virá com perspectivas teóricas em relação à temática, sendo o tópico mais longo, pois será subdividido em 4 partes: a primeira parte irá trazer o embasamento teórico encontrados por alguns autores de artigos e/ou sociólogos/antropólogos que já trouxeram essa temática, a segunda parte irá abordar sobre a influência do patriarcado na exploração da mulher, a terceira parte já irá abordar os pequenos avanços das leis trabalhistas até os dias atuais e a última parte irá trazer as questões voltadas a saúde mental da mulher dentro desta área. Ao longo dos estudos, foi possível verificar cinco argumentos que irei retratar ao longo dos capítulos: 1) Racismo e pobreza, 2) Falta de oportunidade, 3) Patriarcado, 4) Falta de autoestima e 5) Abuso psicológico, a falsa sensação de pertencimento familiar: relação patrão - empregada.

Já o segundo tópico irá abordar a vida da ativista Laudelina de Campos Melo (1904-1991) que, como citado anteriormente, foi uma importante militante na conquista dos direitos das mulheres e das empregadas domésticas. Nasceu em Poços de Caldas - MG em 29 de janeiro de 1904 e dedicou sua vida empenhando-se incansavelmente na busca por melhores condições de trabalho, garantias trabalhistas e valorização dessa categoria profissional. No meio das pesquisas, foi encontrado o documentário “Laudelina, Suas Lutas e Conquistas” publicado pelo Museu da Cidade em 01 de julho de 2017 e também a dissertação “Etnicidade, Gênero e Educação: A trajetória de vida de D^a Laudelina de Campos Melo” escrito por Elisabete Aparecida Pinto em 1993, onde ambos arquivos foi de extrema importância no desenvolvimento da escrita.

No terceiro tópico irei retratar sobre o livro “Eu, empregada doméstica” escrito por Joyce da Silva Fernandes (1985), mais conhecida pelo nome artístico de Preta Rara, uma historiadora, cantora rapper, militante, turbanista e dona de uma marca de roupa que decidiu trazer ao público histórias reais vivenciadas por milhares de domésticas. Segundo ela, iniciou esse projeto através da sua página pessoal do Facebook e em menos de 24hrs tomou uma enorme proporção. O livro é bem forte e impactante, muito difícil conceber as histórias vividas por essas mulheres e o quanto já sofreram. Preta Rara trabalhou como doméstica até 2009 e explica que sua mãe e a avó trabalhavam na área, mas que ela possuía pretensão e sonho de seguir planos diferentes vivenciados pelas suas matriarcas.

Por fim, os dois últimos tópicos para o encerramento, “Resultados e Discussões” e “Considerações Finais”, será um espaço para retratar se foi possível alcançar meus objetivos ao longo de todo desenvolvimento, abordando as dificuldades encontradas durante a construção, as possíveis melhorias e avanços dentro da área e um pouco das minhas visões pessoais com suas respectivas referências bibliográficas. Assim, irei finalizar meu trabalho acadêmico e concluir os intuítos levantados durante o artigo.

2.1. EMBASAMENTO TEÓRICO SOBRE O TRABALHO DOMÉSTICO

2.1.1 AS VISÕES SOCIOLÓGICAS DENTRO DA TEMÁTICA

De acordo com o IBGE publicado no site “Agência Brasil”², há quase 6 milhões de trabalhadores domésticos no Brasil, em que 92% são mulheres e 65% delas são negras. Apesar do site relatar que o número caiu nos últimos 10 anos, também foi citado que, em contrapartida, os números de diaristas tiveram um aumento. Em que, teoricamente, a diferença entre empregada doméstica para diarista seria que uma trabalha mensalmente e a outra exerce o trabalho como “freelancer”, ou seja, trabalha por dia. Mas, se for ir mais a fundo, é possível compreender que em ambas situações, é oferecido as mesmas condições de trabalho precário.

O sociólogo Ruy Gomes Braga Neto (1972) traz muitos estudos voltados ao “precarizado” que, segundo ele, na entrevista “Ruy Braga: Qual o futuro do trabalho? - 20 Minutos Entrevista” para o Opera Mundi, seria um fenômeno de crise do capitalismo em junção com seu desenvolvimento por si só no momento atual, em que, aborda o ponto de vista salarial e condições de trabalho que são oferecidas, atingindo os países periféricos e centrais. Já em uma reportagem que foi ao ar em 2013 para o programa Sala de Emprego, do Jornal Hoje, o sociólogo faz um breve comentário sobre a aprovação da lei dos empregados domésticos e seu impacto no modelo de organização familiar até então vigente no Brasil. Nessa entrevista, ele cita que, após a aprovação dessa PEC, iria ocorrer uma nova relação entre os grupos de trabalhadores domésticos, tornando-se não fundamentada em laços afetivos, mas sim, nos laços profissionais.

Já a antropóloga brasileira, professora titular do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Maria Suely Kofes (1940), escreveu um livro baseado na sua tese de doutorado defendida em 1991, denominado “Mulher, mulheres - Identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas”, retratando a relação social entre patroas e empregadas domésticas, abordando não apenas a observação e a análise das interações cotidianas em diferentes unidades domésticas, mas também o tratamento de representações e interpretações do trabalho doméstico assalariado.

Na construção do objeto, Kofes parte da crítica às discussões feministas de inspiração marxista na década de 1970, que buscavam explicar o trabalho doméstico assalariado a partir das noções de modo de produção doméstico, trabalho produtivo e improdutivo, e exército industrial de reserva. Kofes busca construir uma referência conceitual alternativa, capaz de responder mais satisfatoriamente ao desafio posto pelo reconhecimento de que as relações de classe e trabalho são também sobre codificadas pelas relações familiares e marcadas pelas distinções de gênero.

Por fim, em meios as buscas bibliográficas, encontra-se a Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934-2010), uma socióloga marxista, professora, estudiosa da violência de gênero e militante feminista brasileira, que aborda uma perspectiva sobre investigar e desmistificar as relações de exploração/dominação, revelando como o capitalismo, ao enovelar as hierarquias de gênero, raça/etnia e classe, consegue aumentar ainda mais seus lucros. Ponto este que está totalmente entrelaçado com a exploração do gênero feminino trazido neste trabalho acadêmico.

² Reportagem retirada do link:

“<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/ibge-numero-de-empregadas-domesticas-caiu-em-dez-anos#:~:text=Dados%20do%20Instituto%20Brasileiro%20de,Brasil%20trabalham%20sem%20carteira%20assinada.>”

2.1.2 EXPLORAÇÃO DE GÊNERO E A INFLUÊNCIA DO PATRIARCADO

Como abordado anteriormente, a socióloga brasileira Heleieth Saffioti (1934-2010), retrata nos seus estudos voltados a compreender a influência e determinação do capitalismo e patriarcado sobre as mulheres, advindo na exploração de gênero que será também relacionado ao trabalho doméstico. Ela exerceu um importante papel sobre perspectiva de gênero dentro da Sociologia do Trabalho, em que antes, a crítica das Ciências Sociais sobre esta área de serviço esteve marcada antes por perspectivas estritamente econômicas.

Na obra “O Emprego Doméstico e Capitalismo” (1978), a Saffioti discute gênero e Trabalho Doméstico a partir das relações de produção dentro do capitalismo e o papel da mulher em uma sociedade marcada pelos conflitos de classe em conjunto com a organização patriarcal. O argumento defendido pela autora ressalta o contexto e a visão de cientistas sociais sobre a condição do Trabalho Doméstico entre as décadas de 1970 e 1980, a qual enquadrava a maioria de mulheres atuantes neste trabalho em dois aspectos principais.

Em primeiro, o discurso desenvolvimentista, baseado na ideia de que o crescimento econômico do capitalismo extingiria subempregos sobre economia, e o avanço da tecnologia dos utensílios domésticos, seriam fatores decisivos para considerar o Trabalho Doméstico com os dias contados. Outra interpretação sobre a profissão esteve relacionada à questão da sociedade patriarcal, como fenômeno explicativo em absoluto sobre as rédeas da profissão deixadas à autoridade de patrões, como consequência, o caráter “vitimizador” desta teoria desconsiderava a experiência de vida de empregadas domésticas e o cerne da questão, que muitas vezes está atrelado à outros fatores além da sociedade patriarcal, mas do próprio mercado de trabalho feminino.

Aprofundando ainda mais na questão patriarcal, a socióloga Saffioti em 2004, aborda o regime patriarcal sustentado a partir de uma economia doméstica organizada, em que as mulheres, neste sistema, são vistas apenas como meros objetos de prazer e satisfação sexual, entretanto são importantes como reprodutoras tanto da força de trabalho, quanto da geração de herdeiros. Apesar dos efeitos com os avanços conquistados pelas lutas feministas, o patriarcado ainda é um sistema muito presente, tendo apenas tomado novas configurações, pois, segundo Saffioti, sua base material não foi destruída.

“Se na Roma antiga o patriarca tinha direito de vida e morte sobre a mulher, hoje o homicídio é crime capitulado no Código Penal, mas os assassinos gozam de ampla impunidade. Acrescente-se o tradicional menor acesso das mulheres à educação adequada à obtenção de um posto de trabalho prestigioso e bem remunerado (SAFFIOTI, 2004, p. 106).”

Torna-se também necessário ressaltar o tamanho da importância da militante feminista, Heleieth, como uma referência brasileira para o estudo de gênero, sobretudo na temática violência contra as mulheres, perpassando no contexto doméstico, como explicado até então. Saffioti iniciou seus estudos sobre a mulher na década de 1960 e sobre violência contra as mulheres na década de 1980, conciliando pesquisa acadêmica e militância. Desempenhou importante papel na formulação e na implementação de políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, além de ser autora de importantes livros na área dos estudos de gênero, como *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* (1976), *Violência de gênero – Poder e impotência* (1995) e *Gênero, patriarcado, violência* (2004).

2.1.3 LEIS TRABALHISTAS BRASILEIRAS

A cartilha em formato e-book “Trabalhadores domésticos: direitos e deveres”, em conformidade com as alterações trazidas pela Lei Complementar nº 50, de 1 de junho de 2015, aborda 16 capítulos sobre os mais variados temas voltados à área. Direitos e deveres do trabalhador, doméstico, obrigações do empregador,

assédio moral e assédio sexual, contrato de trabalho, carteira de trabalho, previdência social e diversos outros tópicos importantes. O que leva ao seguinte questionamento: será mesmo que as trabalhadoras domésticas têm todo esse respaldo? Será mesmo que o empregador cumpre com suas mínimas obrigações em proporcionar direitos básicos no meio de trabalho?

“A Lei Complementar nº 150, de 2015, estabeleceu a aplicação, das Leis nº 605, de 1949 (repouso semanal remunerado); nº 4.090, de 1962, e nº 4.749, de 1965 (ambas sobre gratificação natalina - 13º salário), e nº 7.418, de 1985 (vale transporte), observadas as peculiaridades do trabalho doméstico, e, também, a aplicação subsidiária da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Sendo assim, as disposições da CLT podem ser aplicadas à relação de emprego doméstico sempre que houver lacuna na Lei Complementar nº 150, de 2015, naquilo em que com esta não conflitam.” (GOVERNO FEDERAL, 2015. p. 5)

Dito isso, irei destrinchar a seguir uma retrospectiva das leis trabalhistas brasileiras em que, foi através da Constituição de 1988 que houve o reconhecimento do trabalho doméstico como uma profissão e estabeleceu a igualdade de direitos trabalhistas para os trabalhadores domésticos. Porém, só 18 anos depois que ocorreu uma nova lei significativa, Lei nº 11.324/2006, que instituiu o Programa Nacional de Registro do Trabalho Doméstico, com o objetivo de promover o registro formal dos empregados domésticos. Desta vez, num período um pouco menor, em 2013, surgiu a Emenda Constitucional nº 72/2013, que ampliou os direitos trabalhistas dos empregados domésticos ao garantir o pagamento de horas extras, o controle de jornada e a inclusão no sistema de previdência social.

Por fim, em 2015, através da Lei Complementar nº 150³, que houve a mudança mais significativa e importante na causa, pois regulamenta os direitos dos trabalhadores domésticos no Brasil. Conhecida como a “Lei dos Empregados Domésticos”, essa lei trouxe diversas mudanças significativas, como a definição de jornada de trabalho, direito a férias remuneradas, pagamento de horas extras, recolhimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e seguro-desemprego.

Em oportuno, reitero que torna-se alarmante observar que, durante um período de 35 anos, só ocorreram a criação de mais ou menos 4 leis a favor do doméstico. Outro aspecto importante é que, entre a criação de uma lei e a efetivação na prática, são diferenças exorbitantes, aspecto percebido na série “Maid” (2021) assistido na Netflix. A série aborda a personagem Alex com problemas financeiros e familiares que, deixa para trás um relacionamento abusivo e encontra no emprego como faxineira um meio para sustentar sua filha e construir um futuro para as duas. Nos momentos em que ela aparece exercendo seu trabalho é possível observar diversos abusos e falta de estrutura na efetivação de leis, mesmo sendo uma realidade fora do Brasil.

2.1.4 SAÚDE MENTAL PÚBLICA NO BRASIL

Após contextualizar sobre o trabalho doméstico, nesse momento, torna-se imprescindível pontuar sobre a saúde pública do Brasil que, apesar do SUS (Sistema Único de Saúde) ser um dos maiores sistemas públicos de saúde, muitas questões ainda são deixadas de lado, visto que é necessário ser dado o protagonismo necessário da saúde pública correlacionado com as condições de vida, com o racismo, a violência doméstica e as questões de gênero. Não podendo esquecer também dos determinantes sociais que constituem

³ Reportagem retirada do link:

“<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LCP&numero=150&ano=2015&ato=aa0MzZE9UNVpWTdba>”

ética e politicamente a vida desse sujeito, como é citado no ebook “Saúde Mental: um Campo de Construção” de 2019 organizado por Eliane Regina de Pereira.

“A fabricação da doença

Boa saúde? Saúde ruim? Tudo depende do ponto de vista. Do ponto de vista da grande indústria farmacêutica, a má saúde é muito saudável. A timidez, digamos, podia ser simpática, e talvez atrativa, até se transformar em doença. No ano de 1980, a American Psychiatric Association decidiu que a timidez é uma doença psiquiátrica e a incluiu em seu Manual de alterações mentais, que periodicamente põe os sacerdotes da Ciência em dia. Como toda doença, a timidez precisa de medicamentos. Desde que a notícia se tornou conhecida, os grandes laboratórios ganharam fortunas vendendo esperanças de cura aos pacientes infestados por essa fobia social, alergia a pessoas, doença médica severa...” (Eduardo Galeano, 2012, p. 124)

Partindo desse pressuposto, cito as 5 hipóteses que foram levantadas ao longo do estudo deste trabalho acadêmico que afetam à saúde mental da mulher dentro dessa área trabalhista: 1- Abuso psicológico, 2- Falta de oportunidade, 3- Racismo e pobreza, 4- Autoestima entre as mulheres e 5- patriarcado e exploração de gênero do homem sobre as mulheres.

Em relação ao abuso psicológico, está totalmente correlacionado com a citação do Ruy Barbosa, em que com a PEC haveria uma nova relação que, até então, era fundamentada em laços afetivos e agora seria por laços profissionais. Na maioria dos vídeos assistidos, era nítido que, na grande maioria dos casos, há uma suposta relação familiar entre “patrão X empregada”, onde há uma falsa sensação afetiva, de pertencimento e familiar. O que acaba acarretando em uma aceitação de diversos abusos cometidos pelos patrões sobre as trabalhadoras, sendo considerado, como abuso psicológico e confusão para delimitar que o que está sendo exercido é sua profissão e não um favor, uma ação de cuidado para com as pessoas envolvidas.

A falta de oportunidade é um ponto extremamente problemático dentro da nossa sociedade, pois está totalmente correlacionado com o racismo estrutural, já que, como citado anteriormente, 65% são mulheres negras. Em um vídeo e também no livro “Eu, empregada doméstica” da historiadora Preta Rara, foi citado que após entregar currículo com sua foto em muitos lugares e não ser chamada, ela passou a entregar currículos sem sua foto e começaram a surgir algumas entrevistas de emprego. A partir desta experiência a autora indica como que a falta de oportunidade está totalmente correlacionado ao racismo.

Ainda em relação ao racismo estrutural, vê-se também a desigualdade econômica como forte pilar estrutural para a atual situação do trabalho precário. Um ponto que foi bastante observado ao longo da pesquisa é que, normalmente, a trabalhadora que inicia no ramo doméstico, se viu numa situação sem oportunidade e sem escolha para seguir outros possíveis caminhos, se desejassem.

Essa sensação de falta de escolha acaba gerando uma baixa autoestima, pois se vê numa situação de desvalorização no meio do seu trabalho, com poucas perspectivas de leis que possam respaldá-las ou até mesmo estar totalmente ligado a sua autoestima pessoal também. Já que na maioria dos casos, todas elas possuem sonhos de cursar uma graduação e/ou ter outras perspectivas de futuro, como citado por Djanira Corrêa no documentário “Domésticas” de 21 de agosto de 2017 publicado por Themis - Gênero, Justiça e Direitos Humanos.

E por último, não menos importante, atrelado a todas as perspectivas escritas nos últimos parágrafos, há também o patriarcado que, como citado anteriormente, afeta diretamente em toda a situação precária vivida nesse meio de trabalho. Em que, desde sempre, havia a imagem de o homem ser o provedor do dinheiro da casa e a mulher era a “dona de casa” fazendo todas as tarefas domésticas, cuidado dos filhos e diversas outras

atividades machistas. Sendo uma forte influência a ser enxergado o trabalho doméstico como algo totalmente ligado a cuidados maternos e não vinculado a um trabalho, como qualquer outro.

“As mulheres têm apresentado consideravelmente mais sintomas de angústia psicológica e desordens depressivas do que os homens. Os transtornos mais frequentes entre as mulheres são aqueles relacionados aos sintomas de ansiedade, humor depressivo, insônia, anorexia nervosa e sintomas psicofisiológicos; (...). A inserção feminina no mercado produtivo, ao contrário dos homens, é limitada por responsabilidades domésticas e familiares, tendo o emprego que ser adaptado às suas outras funções. Assim, estando ou não inseridas no mercado de trabalho, em geral as mulheres são donas-de-casa e realizam tarefas que, mesmo sendo indispensáveis para a sobrevivência e o bem-estar de todos os indivíduos, são socialmente desvalorizadas e desconsideradas.” (PALOMA DE SOUSA PINHO, TÂNIA MARIA DE ARAÚJO, 2012.)

Por fim, esses são apenas alguns aspectos relacionados à saúde mental das mulheres no Brasil. Torna-se fundamental promover políticas públicas e ações que visem à promoção da saúde mental, à prevenção de transtornos mentais e à garantia de acesso igualitário a serviços de saúde mental de qualidade para todas as mulheres brasileiras. Também é importante reconhecer e abordar essas implicações na saúde mental das mulheres que realizam trabalho doméstico, promovendo a valorização, a equidade de gênero e a redistribuição das responsabilidades domésticas. Políticas públicas, conscientização social e apoio emocional são elementos-chave para lidar com essas questões e promover o bem-estar das mulheres envolvidas nesse tipo de trabalho.

2.2 O PAPEL DE LAUDELINA DE CAMPOS MELO NA CONQUISTA DE DIREITOS

A ativista Laudelina de Campos Melo foi quem lutou pelos direitos das trabalhadoras domésticas, nascida em 29 de janeiro de 1904 em Poços de Caldas, Minas Gerais, e faleceu em 1991. Sendo considerada como uma das pioneiras na organização das empregadas domésticas no Brasil, dedicando sua vida à luta por melhores condições de trabalho, direitos trabalhistas e reconhecimento para essa categoria profissional.

Laudelina, uma mulher negra, que enfrentou diversas dificuldades ao longo de sua vida, trabalhando como empregada doméstica desde a infância, vivenciando na pele as injustiças e desigualdades enfrentadas por essas trabalhadoras, fundou o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Santos e Região, em 1936, sendo a primeira presidente da entidade. Mais tarde, em 1958, criou a Federação Interestadual das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), buscando unir as trabalhadoras em todo o país. Ou seja, observa-se que, nos dois atos realizados por ela, foram antes da Constituição de 1988, momento em que ocorreu a primeira lei trabalhista das domésticas, então, nessa época ainda não tinha o menor respaldo.

“A conjuntura em que ela vivia não era propensa a uma mobilidade social vertical para os elementos negros, mesmo com os apadrinhamentos por parte da elite branca conseguidos por sua família, conforme discutido no capítulo anterior. A sua educação foi direcionada para o trabalho. Cuidando dos irmãos, sendo pajem ou ajudando a mãe a fazer doces, estava sendo educada para vir a ser boa dona de casa ou uma empregada doméstica qualificada.” (ELISABETH APARECIDA PINTO, 1993. p 156/157)

Na monografia “Etnicidade, Gênero e Educação: A trajetória de vida de D^a Laudelina de Campos Melo” escrito por Elizabeth Aparecida Pinto e composto por 775 páginas, foi escrito 2 anos após o falecimento da ativista, em 1993 e foi observado em diversos aspectos o quanto, apesar de não ter concluído seus estudos, Laudelina tem uma visão crítica e política sobre todas as questões. E o quanto ela não enxergava o tamanho da sua importância para as trabalhadoras domésticas. Uma mulher simples, muito inteligente, didática e de peito aberto, pontos observados no seu documentário “Laudelina, Suas Lutas e Conquistas” publicado em 2017 pelo Museu da Cidade, em que é apresentado no vídeo uma entrevista com a própria Laudelina.

Em reconhecimento ao seu trabalho e legado, em 2013, Laudelina de Campos Melo foi agraciada postumamente com a Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo Ministério da Cultura do Brasil, sendo lembrada como uma figura inspiradora e importante na luta pelos direitos das trabalhadoras domésticas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nota-se que ela foi uma defensora incansável dos direitos das trabalhadoras domésticas, lutando pela regulamentação do trabalho doméstico, pela garantia de salário mínimo, jornada de trabalho justa, férias remuneradas e outros benefícios. Enfrentando resistência e preconceito, mas sua persistência e dedicação ajudaram a trazer visibilidade para essa categoria profissional e a conquistar avanços significativos ao longo dos anos.

2.3 A SENZALA MODERNA É O QUARTO DE EMPREGADA

“A senzala moderna é o quarto de empregada” uma frase citada no livro “Eu, Empregada Doméstica: Uma Voz pela Liberdade” (2019), escrito pela conhecida Preta Rara, Joyce da Silva Fernandes (1985), em que narra a história de vida da autora e aborda as desigualdades e injustiças enfrentadas pelas trabalhadoras domésticas no Brasil, tornando-se uma voz ativa no movimento negro e feminista, usando sua arte e plataforma para abordar questões sociais e promover a igualdade racial.

Preta Rara, é uma cantora, militante, turbanista, dona de uma marca de roupa e professora de História, a multifacetada Joyce Fernandes, mais conhecida pelo nome artístico de Preta-Rara, é nascida em São Paulo e, como citado na entrevista “A internet é a nossa voz para o mundo”, publicado por Brasil de Fato em 2016, se tornou um exemplo de engajamento na luta pelos direitos das mulheres negras.

“Nas pequenas historietas da vida, venho recitar as minhas rimas; No sol nascente em Santos. Me preparo para tomar um banho; Sempre disposta a não se render aos encantos de que... esperar em Deus vai melhorar... Quem acredita sempre alcança... Nem acredito! Logo perco as esperanças; Mas, na labuta diária; Eu sei quem sofre.

Lavo louça, roupa, faço comida; Meu salário acaba igual essa correria. Estuda menina; Era o que me diziam; Estudei, mas estou aqui. Eu não entendo; Oportunidade de serviços, teve um monte: Cozinheira, doméstica, babá, passadeira... Porque que não me contratam no shopping? Eu não entendo...

Esforcei-me tanto para pagar um curso de secretária e nunca entrei em um escritório. Opa! Desculpa! Cometi um erro. Já entrei sim! Pra arrumar tudo e lavar o banheiro. Os dias voam. Os meses passam. E os anos se vão e eu aqui na mesma situação: D.O.M.É.S.T.I.C.A.

Se fosse por opção: tudo bem. Tenho várias amigas que já se conformaram, mas, eu não! Eu necessito sair dessa condição, quero conquistar outros ares. Me encaixar no mercado de trabalho.

Por favor, moço. Me dê uma chance. O Sr. Não irá se arrepender e ele me disse: Tudo bem, a senhora vire à esquerda, entre naquele quatinho apertado que a vassoura está à sua espera. Seja bem vinda.” (PRETA RARA, Joyce Fernandes, 2009)

A obra oferece uma perspectiva pessoal e íntima, destacando as dificuldades e o estigma enfrentados pelas empregadas domésticas. Preta Rara expõe as condições de trabalho desfavoráveis, longas jornadas, baixos salários e a falta de reconhecimento e valorização da profissão. Além disso, a autora discute as questões de gênero, raça e classe social, que intersectam na experiência das trabalhadoras domésticas, evidenciando a discriminação e o racismo estrutural presentes nesse contexto e que foi também abordado ao longo de todo trabalho acadêmico.

"Eu, Empregada Doméstica: Uma Voz pela Liberdade" é uma obra que busca romper com estereótipos e preconceitos, contribuindo para a discussão sobre trabalho, desigualdade e emancipação das trabalhadoras domésticas no Brasil. Preta Rara compartilha sua história de resistência e luta, abordando sua trajetória de superação e empoderamento, destacando a importância da educação, do ativismo e da solidariedade entre as trabalhadoras domésticas na luta por direitos e melhores condições de trabalho. O que ocasionou numa inspiração para os leitores a refletirem sobre as condições sociais e a importância da justiça e da valorização de todas as profissões.

"Comecei a trabalhar em casa de família já não querendo estar naquele lugar, pois a vida inteira percebi como a minha mãe chegava em casa, cansada e às vezes triste. Eu sabia que ela não compartilhava conosco seu dia de trabalho, até porque isso causaria uma tristeza coletiva lá em casa. Desde muito nova eu já acompanhava a minha mãe nas faxinas, e querendo que ela acabasse rápido, ia ajudando nos serviços. (...)" (PRETA RARA, 2019)

É muito difícil, ao ler os relatos, "escolher" apenas um para abordar no trabalho de conclusão de curso, mas, dois trechos dos diversos pontos que me chamaram bastante atenção, foram os relatos das páginas 43 e 191, respectivamente:

"Minha mãe, empregada doméstica até se aposentar aos 60 e poucos anos, conta que certa patroa disse em uma ocasião: "Eu, meu marido e meus filhos comemos arroz, feijão e carne, você e meu cachorro comem polenta com bofe". Perguntei para minha mãe o que ela fez, ela disse: "Eu precisava trabalhar pra sustentar vocês". (PRETA RARA, 2019. p. 43)

"Quando minha mãe venho pra Porto Alegre Rio Grande do Sul o primeiro trabalho foi de doméstica e a patroa fazia ela comer sentada na porta dos fundos e quando ela não secava o chão direito apanhava com pano molhado." (PRETA RARA, 2019. p. 191)

Assim, torna-se notório o quanto questões vivenciadas por Laudelina de Campos Melo (1904-1991) abordados no capítulo anterior, ainda é algo super presente e atual nos dias de hoje. Em que, mesmo após quase 50 anos em que separam as duas ativistas, ainda são relatados as mesmas situações precárias, racistas, exploradoras, sem a presença efetiva de leis, de zelo ou cuidado para/com a saúde mental das pessoas envolvidas, quem dirá assinar carteira ou receber valores justos pelo trabalho prestado.

Por fim, observa-se a importância extremamente significativa e expressiva no trabalho prestado por Preta Rara ao trazer este livro, pois ela utilizou sua visibilidade e voz para conscientizar, educar e inspirar as pessoas sobre questões de raça, gênero e classe. Mas não somente, trouxe também dados e provas vivas sobre tudo que é vivenciado e pouco se fala ou pouco se vê mudanças efetivas na causa, tomando-se como base que num prazo de 35 anos só teve criações de 4 leis. Nada mais justo do que ela ser reconhecida como

uma figura importante na luta pela igualdade racial e pelos direitos das mulheres negras no Brasil, sendo uma referência para muitos na busca por justiça social e valorização da diversidade cultural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Bom, ao chegar ao fim do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado através deste artigo, com a temática “Os Impactos do Trabalho Doméstico como exploração do gênero feminino no Brasil”, foi possível observar e levantar alguns aspectos ao longo de todo desenvolvimento. O mais importante é que, me sinto satisfeita e orgulhosa, em um espaço tão delimitado, ter conseguido abordar várias questões significativas dentro da temática. Pois, mesmo que brevemente, consegui trazer figuras extremamente importantes dentro de toda construção do Trabalho Doméstico Brasileiro.

Foram 5 autores apresentados ao longo de todo o texto, sendo sociólogo, antropólogo, militante feminista, autora e rapper historiadora que, dentro do seu momento histórico, levantaram embasamentos significativos para o momento que estamos hoje. Tudo isso, foi essencial para que eu conseguisse correlacionar com meus objetivos e hipóteses, apresentados no início do texto, na Introdução. O sociólogo Ruy Gomes Braga Neto (1972), apresentado no capítulo 2, aborda sobre o precariado atrelado ao capitalismo e o quanto as condições precárias afetam os trabalhadores, principalmente as trabalhadoras domésticas. A antropóloga brasileira, Maria Suely Kofes (1940), retratou a relação social entre patroas e empregadas domésticas, trazendo distinções de gênero.

Já a socióloga Heleieth Lara Bongiovani Saffioti (1934-2010), retratou a influência e determinação do capitalismo e patriarcado sobre as mulheres, advindo na exploração de gênero dentro da Sociologia do Trabalho. Logo após, foram abordados duas militantes extremamente importantes em momentos históricos diferentes, a Laudelina de Campos Melo (1904-1991) e a Preta Rara (1985)

A Laudelina (1904-1991), nascida apenas 16 anos após a abolição da escravidão em 1888, tornou-se uma militante feminista que foi pioneira para que tudo acontecesse e conseguisse abrir as portas para as conquistas atuais, batalhou num momento em que ainda não tinha o menor respaldo de leis trabalhistas. Já a Preta Rara (1985), utiliza sua própria história como um instrumento para conscientizar e dar voz às milhares de mulheres que compartilham experiências semelhantes no mundo do trabalho doméstico, trazendo o racismo, violências domésticas, abusos psicológicos, falta de oportunidade e renda baixa como principais tópicos.

Ao analisar todo o embasamento teórico eternizado ao longo do desenvolvimento, notei que tive dificuldade em adentrar mais aos assuntos, de forma profunda, pois tive tanta preocupação em querer abordar um pouco de tudo, ao priorizar por fazer um apanhado dos principais aspectos, que acabei pecando na profundidade do tema. Também notei que, apesar de ser um tema que tem bastante conteúdo a ser estudado, achei muito complicado a escrita do texto, pois cada vez que eu ia lendo e estudando, fui percebendo o quanto ainda tem coisa pra falar sobre o tema.

No mais, apesar de algumas falhas, tentei visualizar a metodologia do meu trabalho como, literalmente, uma revisão bibliográfica voltado a temática e objetivo proposto. Dessa forma, esse trabalho se justifica por mostrar um dos diversos aspectos em que a sociedade explora a mulher de diversas formas, psicologicamente, fisicamente, pessoalmente e socialmente, não enxergando como prioritária a sua valorização à saúde mental e exploração de gênero. A consequência de tudo isso foi essa junção de aspectos importantes perpassados durante os anos da história brasileira e que foi resumido rapidamente durante as páginas do artigo exposto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero o artigo exposto, uma pequena contribuição para a temática do trabalho doméstico no Brasil como uma exploração de gênero, deixando um gostinho de quero mais dentro da infinidade e gama de abordagens existentes no assunto. Apesar de ter encontrado diversos autores estudantes da área, notei que poucas foram as mudanças efetivas no dia a dia da domésticas, aspecto este que mais me marcou, trazendo

uma sensação de “estar nadando contra a maré” ou que ainda existem grandes passos a serem tomados ao longo dos anos no Brasil.

Também me tornou nítido que, todos os achados, sustentam a hipótese de que em relação ao trabalho doméstico, em elevada sobrecarga, está associado a transtornos mentais, exploração de gênero e desvalorização às mulheres brasileiras. Associada às poucas leis que respaldam as trabalhadoras domésticas, sendo a última mais importante criada em 2015, há quase 10 anos atrás que, se é observado também, a dificuldade em efetivar na prática todos os direitos existentes nessas leis.

É muito triste pensar que, em pleno ano de 2023, ainda existem reportagens que trazem que há quase 6 milhões de trabalhadores domésticos no Brasil. Onde, em 2013, havia 1,9 milhão com carteira assinada, em 2022, o ano fechou com 1,5 milhão de pessoas registradas. As trabalhadoras informais somavam 4 milhões em 2013 e até o ano passado eram 4,3 milhões sem carteira assinada. Reportagem exposta em 23 de abril de 2023, pelo site Agência Brasil respaldados pelos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).⁴ Outro dado importante levantado na reportagem é que, a classe média foi o segmento que mais perdeu renda durante a pandemia, afetando as contratações de domésticas mensalistas. Além disso, com a adoção de home office, muitos assumiram parte das tarefas domésticas antes desempenhadas pelas trabalhadoras domésticas. Esse último aspecto embasado na reportagem, não foi desenvolvido ao longo do artigo, mas relaciona-se com a falta de oportunidade para as pessoas de baixa renda e negras, temática trazida por todos os autores estudados.

Tentando entrar num ponto de vista mais positivo, se é que é possível, fiquei feliz em ter encontrado todos os sociólogos e antropólogos da área, em especial as militantes Laudelina e Preta Rara, pois me deu uma sensação de “ok, estamos num caminho, nem tudo está perdido”. Assim, apesar de eu, Luana Oliveira Pinheiro (1997), ser uma mera universitária branca com inúmeros privilégios, já fui atingida pelo patriarcado e pela desvalorização da saúde mental feminina exposta no capitalismo, assim como milhares de mulheres todos os dias. Mas, foi esse aspecto, que me motivou e impulsionou a tentar fazer a diferença de alguma forma, seja neste simples artigo acadêmico ou seja adquirindo livros de mulheres pretas na causa, consumido seus conteúdos e disseminando os assuntos abordados.

Por fim, encerro este artigo acadêmico com a sensação de meta concluída, objetivo atingido e sensação de querer estudar mais os assuntos da área. Espero do fundo do meu coração que possamos fazer a diferença em pequenos atos diários, mas mais que isso, espero que as políticas públicas se atentem mais e que possam ocorrer efetivas mudanças no seu dia a dia, enxergando oportunidades e a escolha de seguir o caminho como trabalhador doméstico ou não. Que o quarto de empregada deixe de ser a senzala moderna, que possam ser ocupadas cadeiras nas faculdades, escolas, meios políticos, hospitais e diversos outros âmbitos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Ruy. “**PEC dos empregados domésticos**”, vídeo postado no Youtube em 2013 na TV Boi Tempo.

BRASIL, Agência. “**IBGE: número de trabalhadoras domésticas caiu em dez anos**”, reportagem publicada em 2023.

BRASIL, Agência. “**Vulnerabilidade de trabalhadoras domésticas aumenta na pandemia**”, reportagem publicada em 2020.

BRASIL, Governo Federal do. “**Trabalhadores domésticos: direitos e deveres**”, e-book publicado em 2015.

⁴ Reportagem retirada do link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/vulnerabilidade-de-trabalhadoras-domesticas-aumentam-na-pandemia#:~:text=Estudo%20elaborado%20pelo%20Instituto%20de,a%20pandemia%20de%20covid%2D19.>

CIDADE, Museu da. **“Laudelina, Suas Lutas e Conquistas”**, vídeo postado no Youtube em 2017.

FATO, Brasil de. **“A internet é a nossa voz para o mundo”, diz a rapper Preta-Rara**”, em reportagem publicada em 2016.

KOFES, Suely. **“Mulher, mulheres”**, livro publicado em 2001.

PEREIRA, Eliane Regina. **“Saúde Mental: um Campo em Construção”**, ebook publicado em 2019.

PINTO, Elizabeth Aparecida. **“Etnicidade, Gênero e Educação: A trajetória de vida de D^a Laudelina de Campos Melo”**, monografia publicada em 1993.

PINHO, Paloma de Sousa. ARAÚJO, Tânia Maria de. **“Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres”**, em 2012.

RARA, Preta. **“Eu, empregada doméstica”**, livro publicado em 2019.

RARA, Preta. Sua página pessoal no Youtube.

SILVA, Vivian da Veiga. **“As contribuições de Heleieth Saffioti para os estudos de gênero na contemporaneidade”**, artigo publicado em 2019.

SILVA, Willian Alexandre Buesso da. **“Agir como o esperado, para chegar onde não se é esperada: Trabalho Doméstico em campo na Cidade e Marília (SP)”**, artigo publicado em 2016.

THEMIS - Gênero, Justiça e Direito. **“Domésticas”**, documentário publicado no Youtube em 2017.